



UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DOS LIKES E DA LEITURA DIGITAL NA PRODUÇÃO DE REDAÇÕES E TEXTOS ACADÊMICOS POR ESTUDANTES

Bruna Lima Carneiro ¹
Fabia Carolaine de Souza e Silva ²
Indira Cristiane Moreira Goncalves Caldas ³
Airam Oliveira Santos ⁴

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, propõe uma análise crítica sobre os impactos da linguagem digital - especialmente aquela utilizada por jovens em redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas online - na produção de textos acadêmicos. A escrita digital, marcada por abreviações, informalidade, uso de emojis, neologismos e estruturas sintáticas simplificadas, tem se tornado parte do repertório linguístico cotidiano dos estudantes. Embora funcional em contextos informais, gera preocupações quando inseridos em escritas acadêmicas, que exigem domínio da norma culta, coesão textual e argumentação estruturada. Com base na leitura e interpretação do capítulo 3 de livro base *A ciência e a tecnologia: caminhos que levam ao desenvolvimento educacional, científico, econômico, social e cultural*, que discute elementos fundamentais da construção textual. Este estudo buscou compreender como os elementos da escrita digital se manifestam nos textos acadêmicos e quais são os principais desafios enfrentados pelos estudantes na transição entre registros linguísticos. A metodologia adotada é qualitativa, descritiva e documental. A análise foi feita a partir de trabalhos acadêmicos produzidos por alunos e apresentados na feira de ciência VIII FECITEC, os quais constituíram a principal fonte documental. Além disso, foram conduzidas entrevistas com professores de Língua Portuguesa, com o intuito de compreender suas percepções sobre o impacto das tecnologias digitais na escrita formal dos estudantes. O objetivo foi identificar padrões recorrentes da linguagem digital nos textos acadêmicos, compreender suas causas e propor estratégias pedagógicas que promovam a consciência linguística e o desenvolvimento da escrita formal. Espera-se que os resultados contribuam para o debate sobre os limites e as possibilidades da linguagem digital no contexto educacional, oferecendo caminhos para que os jovens desenvolvam a habilidade em transitar entre a linguagem formal e informal, adaptando sua linguagem conforme o contexto, sem comprometer a qualidade de sua produção acadêmica.

Palavras-chave: Linguagem digital, Escrita acadêmica, Competência comunicativa.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias– IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, brunacarneiro12360@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias- IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, souzacarolaine91@gmail.com;

³ Supervisora. Doutora pelo Curso de Engenharia Agrícola da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, indira.goncalves@ifbaiano.edu.br;

⁴ Coordenador de área: Doutor, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Senhor do Bonfim - BA, airam.santos@ifbaiano.edu.br;





INTRODUÇÃO

A partir dos anos 2000, com o progresso tecnológico e a difusão da internet, as maneiras de comunicação entre as pessoas sofreram transformações consideráveis. As redes sociais, que inicialmente eram plataformas para socialização e compartilhamento de conteúdo pessoais, transformaram-se em um elemento essencial do dia a dia, especialmente entre os jovens. De acordo com o Relatório Digital 2024 (We Are Social & Meltwater), “o Brasil ocupa a segunda posição mundial em tempo médio diário de uso das redes sociais, com cerca de 9h13 minutos por usuário, ultrapassando quatro horas diárias entre pessoas de 16 a 24 anos”.

Essa evidência demonstra tanto a popularidade dessas plataformas quanto a maneira como elas afetam nossas atividades cotidianas, como leitura, escrita e estudo. Os estudantes já incorporaram ao seu cotidiano a linguagem digital, que geralmente utiliza abreviações, expressões informais, emojis, neologismos e frases mais simples. Embora seja adequada para diálogos informais, essa maneira de se expressar pode levantar questões quando empregada em contextos acadêmicos, nos quais é fundamental aderir às normas da língua culta, garantir a coesão textual e apresentar argumentos sólidos. Como afirma Fasciani (1998, p. 119), “nenhum instrumento ou tecnologia inventada pelo homem pode ser intrinsecamente positivo ou negativo, certo ou errado, útil ou perigoso. É só a utilização que disso se faz que pode ser julgada com regras éticas”.

Dessa forma, a transição entre registros linguísticos se torna um desafio cada vez maior no âmbito educacional, principalmente no ensino superior, em que a escrita científica é um componente fundamental da formação acadêmica. Nesse contexto, este estudo, realizado por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, é justificado pela necessidade compreender como as práticas digitais afetam a produção textual dos alunos. O objetivo do estudo é examinar como os componentes da escrita digital se refletem nas produções acadêmicas e identificar os principais obstáculos que os alunos enfrentam ao transitar entre diferentes registros linguísticos.

Espera-se que a pesquisa contribua para o debate sobre os impactos da cultura digital no ensino e na aprendizagem, oferecendo subsídios para a construção de práticas pedagógicas que promovam a consciência linguística e o aprimoramento da escrita acadêmica, fortalecendo, assim, a formação crítica e comunicativa dos estudantes.





METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, tendo como propósito articular teoria e prática pedagógica a partir da reflexão sobre os impactos da escrita digital na produção textual de estudantes. A investigação possui abordagem qualitativa, de caráter descritivo e documental, uma vez que busca compreender fenômenos relacionados à linguagem e às práticas de escrita no contexto educacional, priorizando a interpretação e a análise crítica em vez da quantificação dos dados.

A análise foi conduzida com base em trabalhos apresentados na VIII Feira de Ciências e Tecnologia (FECITEC), que serviram como principal fonte documental. Esses textos foram examinados para identificar marcas linguísticas associadas à escrita digital, tais como o uso de abreviações, estruturas sintáticas simplificadas, repetições, elementos da oralidade e desvios da norma culta, permitindo observar como características próprias da linguagem digital se manifestam em produções acadêmicas escolares. Além da análise documental, foram realizadas entrevistas com professores de Língua Portuguesa da educação básica, com o objetivo de compreender suas percepções sobre o impacto das tecnologias digitais na escrita formal dos alunos e sobre as estratégias pedagógicas utilizadas para mediar o uso das redes sociais e o desenvolvimento da escrita acadêmica. As entrevistas foram realizadas com o objetivo de entender como os participantes percebem os efeitos da linguagem digital na escrita formal e nas práticas de ensino. As falas foram analisadas utilizando a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), considerando-se como unidade de registro cada referência feita pelos docentes a impactos positivos ou negativos. Dessa forma, mesmo com a redução no número de entrevistados, suas respostas geraram 30 unidades de registro, sendo 20 relacionadas a impactos negativos e 10 a impactos positivos.

Como diferencial metodológico, este estudo incorporou o uso de Inteligência Artificial (IA), especialmente o ChatGPT (OpenAI), como ferramenta de apoio linguístico. A IA foi utilizada para auxiliar na identificação preliminar de desvios linguísticos, na análise de padrões característicos do “internetês” e na padronização da organização dos dados textuais coletados. O ChatGPT também contribuiu para verificar recorrências linguísticas, apoiar a categorização inicial das informações e oferecer sugestões de reorganização textual durante o processo de escrita acadêmica. Contudo,





todas as interpretações, decisões analíticas e redações finais foram realizadas pelos pesquisadores, garantindo rigor científico, contextualização pedagógica e fidelidade aos objetivos do estudo. A fundamentação teórica que orientou a análise foi construída a partir da leitura e interpretação do capítulo 3 do livro *A ciência e a tecnologia: caminhos que levam ao desenvolvimento educacional, científico, econômico, social e cultural*, que discute princípios fundamentais da construção textual, como coesão, coerência, clareza e adequação linguística.

Por fim, os dados obtidos foram organizados em categorias temáticas e interpretados à luz dos autores que discutem os efeitos da escrita digital e dos multiletramentos na formação dos estudantes. Esse processo permitiu articular as observações empíricas às reflexões teóricas, resultando em uma análise integrada sobre os desafios e as possibilidades que a escrita digital apresenta no contexto acadêmico contemporâneo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O crescimento acelerado das tecnologias digitais, especialmente das redes sociais, provocou mudanças significativas nas formas de interação social, comunicação e construção do conhecimento. Esse fenômeno é particularmente evidente em crianças, adolescentes e jovens, que incorporam essas ferramentas como parte essencial do seu dia a dia. Fecchio e Santos (2016) afirmam que “as redes sociais não podem ser vistas apenas como espaços de lazer, mas também como dispositivos que influenciam diretamente os modos de ser e estar no mundo contemporâneo”. Nesse contexto, entender como a escrita digital afeta a produção de redações e textos acadêmicos é essencial para a educação do século XXI.

Um dos pontos principais dessa discussão refere-se às alterações na linguagem. A ascensão do denominado “internetês”, caracterizada por abreviações, uso de emojis, simplificação sintática e aproximação com a oralidade, é considerada por alguns como um risco para a preservação da norma culta. Costa e Bonfim (2019) argumentam que “a linguagem utilizada nas redes sociais se consolida como forma de expressão legítima, mas quando transportada para o espaço escolar, pode gerar ruídos e inadequações”. Munhoza *et al.* (2023) reforçam que a exposição prolongada a esse tipo de linguagem “tem potencial para comprometer a aquisição de estruturas mais complexas da língua, sobretudo na fase de alfabetização e no desenvolvimento inicial da escrita”. Por outro lado, a escrita digital não deve ser reduzida a um erro ou degeneração da língua, pois





carrega criatividade, economia linguística e inovação, aspectos valorizados na comunicação rápida das redes (Costa e Bonfim, 2019).

O uso de redes sociais pelos jovens apresenta relação ambivalente com a aprendizagem. Macedo (2024) aponta que “tais plataformas funcionam como fontes ininterruptas de informação”, mas o consumo rápido, fragmentado e pouco aprofundado prejudica o desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias à vida acadêmica. Silva e Rocha (2025) identificaram associação consistente entre uso excessivo de telas e baixo desempenho escolar, destacando que “quanto maior o tempo de exposição a atividades recreativas não supervisionadas, maiores os prejuízos na atenção, na linguagem e nas funções cognitivas”.

Entretanto, Portugal e Souza (2020) observaram que as redes sociais também “funcionam como espaços de socialização e trocas, capazes de fortalecer vínculos e engajar os jovens em atividades coletivas, inclusive escolares”. O desafio, portanto, não é eliminar as redes, mas qualificar seu uso educativo.

Além do impacto acadêmico, o excesso de tempo em frente às telas compromete aspectos psicossociais. Fecchio e Santos (2016), inspirados em Bauman, explicam que vivemos em uma “modernidade líquida”, na qual as relações são mais frágeis e passageiras, afetando a construção da identidade juvenil. Silva e Rocha (2025) reforçam que o uso excessivo de telas está relacionado a problemas de sono, dificuldades comportamentais e prejuízos ao desenvolvimento emocional, especialmente em crianças menores, cujo tempo de tela compete com atividades essenciais como brincadeiras, leitura e interação presencial.

Para além das consequências negativas, a comunicação digital demanda novas competências, conhecidas como multiletramentos. Macedo (2024, p.10) destaca que “aprender no século XXI exige a capacidade de transitar entre múltiplos registros linguísticos, compreender a multimodalidade dos textos e adaptar-se às demandas de diferentes contextos comunicativos”. Costa e Bonfim (2019) defendem que “o ensino da Língua Portuguesa deve incorporar práticas de análise crítica do internetês, colocando-o em diálogo com a norma culta”. Assim, o jovem não precisa abandonar o uso criativo das redes, mas deve aprender a diferenciar quando utilizar registros informais e quando adotar formalidade exigida em textos acadêmicos.

A mediação pedagógica surge como estratégia para enfrentar os desafios da escrita digital. Exercícios que transformem diálogos virtuais em textos dissertativos (Costa e Bonfim, 2019), incentivo à leitura aprofundada (Macedo, 2024) e acompanhamento familiar (Silva e Rocha, 2025) são exemplos de práticas eficazes.



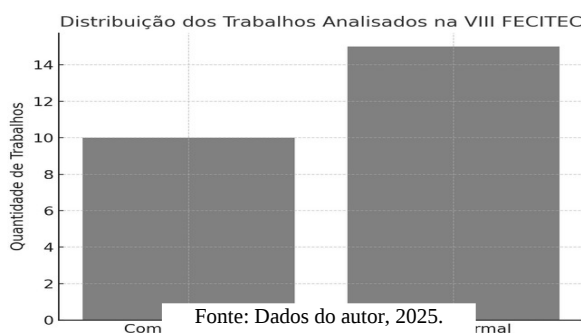
Portugal e Souza (2020) lembram que, quando bem orientadas, as redes sociais podem ser aliadas pedagógicas, favorecendo aprendizagem colaborativa, troca de experiências e engajamento em projetos coletivos.

Dessa forma, a literatura evidencia que a escrita digital e o uso das redes sociais apresentam efeitos contraditórios na vida acadêmica e social dos jovens. Se, por um lado, há riscos relacionados à dispersão cognitiva, interferência do internetês na escrita formal e impactos psicossociais, por outro existem oportunidades de criatividade, colaboração e aprendizagem. A chave está na mediação escolar e familiar, que deve integrar a consciência linguística, estimular leitura crítica e promover o trânsito entre diferentes registros de escrita, transformando a tecnologia em instrumento de desenvolvimento crítico, criativo e acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 25 trabalhos expostos na VIII FECITEC revelou que a linguagem digital tem sido visivelmente integrada às produções acadêmicas, demonstrando a influência das práticas comunicativas características das redes sociais e plataformas online. Entre os textos analisados, 10 apresentaram marcas claras de “internetês”, como abreviações, expressões informais, omissão de pontuação e construções próximas da oralidade, enquanto 15 mantiveram predominantemente a escrita formal. A presença de abreviações, uso de expressões informais, omissão de pontuação e construções mais próximas da oralidade foram observadas, corroborando a hipótese de que a escrita digital está alterando as formas de expressão dos alunos. Esses valores absolutos evidenciam que, embora a maioria dos estudantes ainda siga a norma padrão, uma parcela significativa já manifesta elementos característicos da escrita digital em suas produções.

Figura 1. Distribuição dos trabalhos analisados na VIII FECITEC quanto ao uso da linguagem.





Em geral, as produções analisadas demonstraram um bom nível de coerência temática, mas apresentaram fragilidades linguísticas em relação à conformidade com a norma culta e ao domínio da estrutura dissertativo-argumentativa. Essa constatação vai ao encontro do que afirmam Costa e Bonfim (2019), ao reconhecerem que a linguagem digital é legítima em seu contexto de origem, mas pode gerar ruídos de comunicação quando transposta para ambientes acadêmicos. Portanto, o desafio pedagógico é ensinar o aluno a navegar entre diferentes registros linguísticos, ajustando o uso da linguagem de acordo com o contexto comunicativo.

Além disso, foi possível notar que muitos textos exibiram características de simplificação sintática e vocabulário restrito, características que podem estar relacionadas à exposição prolongada a conteúdos fragmentados nas redes sociais. De acordo com Macedo (2024), a forma como os jovens consomem informações nas plataformas digitais de modo rápido e superficial pode comprometer o desenvolvimento de habilidades cognitivas mais complexas, como a argumentação e a capacidade de análise crítica. Essa influência também foi observada nas redações analisadas, nas quais predominavam construções breves e uso limitado de conectivos lógicos.

Por outro lado, os resultados também apontam aspectos positivos da relação entre escrita digital e produção textual. Alguns estudantes demonstraram criatividade e expressividade no uso da linguagem, aproximando-se de uma escrita mais autoral e dinâmica. Essa observação está em consonância com Portugal e Souza (2020), que reconhecem as redes sociais como espaços de socialização e trocas simbólicas, capazes de estimular a produção criativa e colaborativa entre jovens. Assim, em vez de ver a linguagem digital apenas como uma ameaça, é fundamental considerá-la uma ferramenta de aprendizagem em potencial, desde que seja mediada pedagogicamente.

Essa visão dual foi corroborada pelas entrevistas realizadas com docentes de Língua Portuguesa. Ao todo, foram registradas 30 menções sobre os efeitos da linguagem digital, sendo 20 delas consideradas negativas. Os docentes apontaram a redução do vocabulário, a excessiva informalidade, a predominância da oralidade e a complexidade em estruturar pensamentos de forma clara e coesa como aspectos prejudiciais. Essa visão converge com Silva e Rocha (2023), que destacam a importância da mediação familiar e escolar no uso das tecnologias, de modo que elas não se tornem obstáculos, mas aliadas do processo educativo.





A análise desses resultados mostra que a influência da escrita digital na produção acadêmica é ambígua: existem riscos e oportunidades ao mesmo tempo. Embora o uso frequente de linguagem informal possa resultar em uma diminuição do rigor linguístico e argumentativo, o contato com diversas formas de escrita pode expandir a consciência linguística e comunicativa dos alunos. Assim, a escola deve funcionar como um espaço de mediação crítica, incentivando atividades que fomentem a reflexão sobre os diversos usos da linguagem e que ajudem no desenvolvimento da escrita formal, sem desconsiderar a cultura digital.

Assim, a pesquisa destaca a relevância de estratégias pedagógicas integradoras que consigam conectar os conhecimentos da cibercultura com as demandas da escrita acadêmica, promovendo uma formação mais crítica, consciente e contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que a linguagem digital, caracterizada pelo uso de abreviações, gírias e estruturas sintáticas simplificadas, está bastante presente nos trabalhos acadêmicos analisados. Esse fenômeno demonstra não apenas os desafios da transição entre diferentes registros linguísticos, mas também as oportunidades de integração entre práticas digitais e escolares. Os resultados corroboram a preocupação dos professores com os efeitos prejudiciais da escrita digital, como a redução do vocabulário e a dificuldade em manter a formalidade necessária para textos acadêmicos. Em contrapartida, indicam também o potencial criativo e comunicativo que essa linguagem pode proporcionar quando direcionada de forma pedagógica.

Os dados dos 25 trabalhos avaliados na VIII FECITEC revelou que, embora a maioria dos trabalhos mantenha elementos da escrita formal, 10 exibiram características distintas traços de "internetês", em contrapartida, 15 mantiveram a escrita formal, sugerindo que as mudanças causadas pela cultura digital já se manifestam nas produções textuais dos alunos. As 20 menções negativas e 10 positivas coletadas nas entrevistas demonstram uma visão majoritariamente crítica dos docentes, embora reconheçam que a cultura digital pode favorecer práticas pedagógicas criativas e envolventes. Nesse contexto, a função da escola particularmente de programas como o PIBID é fundamental para guiar os alunos na distinção entre registros formais e informais, promovendo a consciência linguística e o letramento crítico. A aplicação da Inteligência Artificial, como o ChatGPT (OpenAI), demonstrou ser um recurso importante para a



detecção de padrões linguísticos e estruturação metodológica, sem substituir a análise interpretativa dos pesquisadores.

Nesse cenário, a atuação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é essencial. A experiência dos bolsistas, ao examinar textos e interagir com docentes, possibilitou uma compreensão mais abrangente de como as tecnologias digitais afetam os processos de leitura e escrita. Além de identificar problemas, o estudo destaca a relevância de desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas que ajudem os alunos a se aproximar da norma culta, levando em conta a realidade digital que faz parte do seu dia a dia. Portanto, fica claro que o objetivo não é combater a linguagem digital, mas incentivar o desenvolvimento da consciência linguística, guiando os estudantes para entenderem quando e como utilizar cada tipo de registro. Oficinas de reescrita, análise comparativa entre gêneros digitais e acadêmicos, e uso crítico das redes sociais em sala de aula são algumas estratégias para equilibrar tradição e inovação no ensino da escrita.

Assim, esta pesquisa contribui para a discussão atual sobre como a cultura digital afeta o ensino e a aprendizagem, enfatizando que a função da escola é educar indivíduos críticos, aptos a transitar entre diversos tipos de letramento e a se envolver ativamente na vida acadêmica e social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal Baiano – Campus Senhor do Bonfim pelo apoio institucional à realização deste trabalho e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) pela oportunidade de vivenciar práticas formativas fundamentais à formação docente.





REFERÊNCIAS

- Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- Costa, A.; Bonfim, R. **Internetês e práticas linguísticas: reflexões pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2019.
- Fecchio, F.; Santos, M. **Juventude e redes sociais: desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **Alfabetização e uso de telas**. 2022.
- INSTITUTO PENÍNSULA. **Relatório juventude e escrita**. 2023.
- MICROSOFT. **Relatório de neurociência e atenção digital**. 2023.
- Moran, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2018.
- PANORAMA DA SAÚDE MENTAL. **Relatório anual**. 2024.
- Portugal, T.; Souza, R. **Redes sociais e aprendizagem colaborativa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.
- Ramos, A. **Redes sociais e linguagem juvenil**. São Paulo: Cortez, 2025.
- Rodrigues, P. **Comunicação digital e empobrecimento vocabular**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB). **Relatório sobre escrita acadêmica e redes sociais**. Brasília, 2022.
- Valle, P. R. D.; Ferreira, J. D. L. **Análise de conteúdo na perspectiva de bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação**¹. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2025.
- WE ARE SOCIAL; MELTWATER. **Digital 2024 – Global Overview Report**. Londres, 2024. Disponível em: <https://wearesocial.com/us/blog/2024/01/digital-2024/>. Acesso em: 20 out. 2025.

